

CONEXÃO PASCOM

“A FORMAÇÃO DO DISCÍPULO-MISSIONÁRIO DA COMUNICAÇÃO”

Profa. Dra. Alzirinha Souza¹

Boa noite a vocês! Primeiramente, eu gostaria de agradecer o convite para contribuir com esse encontro, cumprimentar a Dom Mol e vocês que nos acompanham pelas redes de transmissão.

E eu início minha reflexão dando um “passo atrás”, para pensar a expressão discípulo-missionário, e alguns pontos importantes que dela decorrem:

Primeiro:

De forma geral, cada um que se afirmar como seguidor de um Mestre – é seu discípulo. Contudo, na relação mestre-discípulo os papéis são distintos. Mestre é aquele que leva seu discípulo ao melhor conhecimento daquilo que tem a oferecer, portanto, a verdade de conhecimento e, de outro lado o discípulo é aquele que apreende sua verdade, a toma para si, e se reconstitui a partir desse aprendizado. Igualmente é papel do Mestre formar seu discípulo para que ele siga em sua vida de outra forma. O Discípulo passa pelo Mestre e independente dele segue a sua vida, construindo para si uma “nova forma” de exercer seus ensinamentos.

Ora, nessa dinâmica eventualmente o discípulo se afasta de seu Mestre, e por vezes pode perder o seu vínculo, mas seguramente algo de seu ensinamento o remarca.

Segundo:

A dinâmica da relação mestre-discípulo com Jesus é um pouco mais “precisa”, podemos dizer assim. Nos afirmamos discípulos de Jesus, quando livremente decidimos segui-lo e aceitamos os riscos desse seguimento até o final, o que por vezes pode ser por demais exigente.

¹ Alzirinha Souza. Leiga, Dra. em Teologia pela Université Catholique de Louvain, Bélgica. Mestre em Teologia pela Universidad San Dámaso, Madri, e Bacharel em Teologia pela PUCSP. Professora e pesquisadora da PUCMinas e do ITESP/SP. O texto aqui apresentado foi utilizado como subsidio para reflexão do tema “ A formação do discípulo-missionário da Comunicação” no Programa Conexão Pascom em 17.08.21, razão pela qual encontra-se em formato “livre”.

E os Evangelhos relatam isso. Em Lucas 9,51-62, quando Jesus decide tomar o caminho em direção a Jerusalém, aparecem aí três interlocutores “decididos a segui-lo” que ganham três solicitações/esclarecimentos sobre o que é ser discípulo: 1) é ser andarião, não ter onde reclinar a cabeça; 2) é deixar que os mortos enterrem seus mortos e, 3) é colocar a mão no arado sem olhar para trás.

É uma dinâmica exigente, que rompe com as referências que cada um/a traz solidificada em seu dia a dia. Requer abertura a um outro modo de vida, de si mesmo, e abertura ao outro. Logo, seguir e ser discípulo não implica unicamente estar junto, mas estar junto a partir de um novo paradigma. Aqueles que querem caminhar com Jesus, estar com ele, aprender dele, ser formados por ele, devem de partida se reverem.

Um pouco antes em Lucas mesmo, Jesus havia enviado em Missão seus “discípulos”: Lucas 9, 3-5 - Envia os 12 com três recomendações: 1) não levar nada de muito conforto e segurança. 2) nada de ficar escolhendo a melhor casa e 3) nada de perder tempo com quem não quer receber o anúncio, isto é, saber seguir em frente.

Mais a diante: Lucas 9,22-27: Jesus indica as condições para o seu seguimento: 1) Renunciar a si mesmo; 2) tomar a sua cruz (mediante os riscos que esse seguimento impõe) e, 3) ter palavra e ação alinhados, coerentes.

Ou seja, não é por falta de orientação de Jesus, que nós não saberemos estabelecer com ele a relação mestre-discípulos.

Terceiro:

Contudo, quando Jesus envia os 12 (Lucas 9,3-5) há um detalhe importante. Diz o texto: “Convocando os Doze, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, bem como curar doenças e os enviou para Proclamar o Reino de Deus e a curar”. Jesus deu aos seus, uma missão que era a sua mesma, a que ele vinha realizando, impondo as condições, para que essa missão fosse um SERVIÇO e não unicamente poder a ser exercido. Ou seja, ser discípulo não comporta somente o seguimento, mas o anúncio do Reino de Deus!

Ao longo dos anos a Teologia compreendeu de maneiras distintas as formas de realização desse anúncio, isto é, da Missão, até que o Concílio Vaticano II, finalmente declara “a missão como a IDENTIDADE CRISTÃ” (AG,2). É dizer, missão não é uma

“atividade acessória” como se cada um a realizasse no momento que melhor lhe parecesse, mas missão é CONSTITUINTE da nossa identidade.

Missão nos constitui, faz parte do SER CRISTÃO. Se tirarmos esse elemento deixamos de ser completamente cristãos. Foi um ganho enorme para a Igreja, retomar a centralidade daquilo que ela é, e a Igreja sendo cada um de nós, daquilo que nós somos: anunciadores da pessoa e do anúncio de Jesus!

Não por acaso, a Conferência de Aparecida 2007, teve como tema: Discípulos e Missionários de Jesus. Para que N'ele todos sejam um. Não por acaso, em linha com Aparecida o Papa Francisco publica *Evangelii Gaudium* (2013) nos convidando a sermos uma Igreja em Saída, que “premereia”, que se comunica, que vai ao encontro de todos os “outros”!

Aparecida (DAp,25) vai dizer que Missionário é aquele que anuncia com a Palavra, pela qual Deus comunicou seu Filho ao mundo e por onde nós seguimos o comunicando. Lembra ainda que o processo de Evangelização, é dizer o uso dessa Palavra, não é um anúncio vazio. Em última instância, deve “ir unida a promoção humana e à autêntica libertação cristã”. É dizer, o que comunicamos é elemento transformador da realidade!

Quarto:

E aqui eu gostaria de me deter com mais calma: porque a “formação do discípulo-missionário na Comunicação”, exige que ele/a entenda bem aquilo que se comunica.

Normalmente dizemos que fazer missão é “anunciar a pessoa de Jesus”. Isso é quase que um chavão. Certamente não deixa de ser, mas também não se resume somente a isso A missão da Igreja é evangelizar (DAp,13) é certo. Contudo, o que nos remarca é que nosso conteúdo é diferenciado: não anunciamos um “o quê”, mas anunciamos um “quem”, com quem estabelecemos antes uma relação interpessoal.

Por isso, nosso conteúdo não é somente anunciar esse “quem” que é Jesus, mas dizer o “antes” e do “depois” que vem junto/ que comporta esse anúncio. E muito depois vem então as formas de realização dele.

O Concílio nos lembra que missão é responsabilidade de todo “discípulo-batizado” e que nossa missão se insere na missão mesma de Jesus, que é dada por ele, tal como foi dada a seus discípulos. A Igreja nasce da Missão, é decorrente dela. A Igreja

não vive para si mesma! Não é, ou não deveria ser, autorreferenciada! A Igreja vive para anunciar ...

Contudo a Missão/anúncio, não nasce do “falar de Jesus”. ANTES, nasce de três experiências:

- 1) a experiência entre D x sua humanidade, onde Deus fala primeiro;
- 2) a experiência de uma ALIANÇA entre Deus e a humanidade, que nos dá na pessoa de Jesus, e;
- 3) e a mais importante: a CONSCIÊNCIA que temos dessa experiência.

Em última instância, a NATUREZA MISSIONÁRIA da Igreja, NASCE da EXPERIÊNCIA QUE FAZEMOS COM O RESSUSCITADO. O que nós anunciamos não é a pessoa de Jesus simplesmente. Anunciamos a pessoa de Jesus a partir da experiência que fizemos anteriormente com Ele, onde concretizamos a relação mestre-discípulo. Por isso, é bom lembrar e entender bem quem é Jesus: é aquele que é Filho de Deus, que VIVEU, MORREU E FOI RESSUSCITADO PELO PAI NA AÇÃO DO ES, logo, é a segunda pessoa da Trindade. Importante isso porque não cabe a nenhum de nós anunciar um Jesus partido ou distorcer sua pessoa.

Ora, todos esses elementos, somente são compreendidos em sua profundidade a partir da EXPERIÊNCIA primeira que fazemos com Ele, que é o lugar por excelência onde se concretiza a relação mestre-discípulo que nos faz missionários/as.

Se eu perguntar a cada um/a de vocês, quando aconteceu essa experiência na vida de cada um, seguramente cada um teria uma resposta. O fato, é que se estamos aqui pensando juntos, é porque em algum momento isso nos aconteceu.

E aí, precisamos entender bem o que é experiência (RICOEUR, 2012): é a ação/momento acontecido que gera um antes e um depois. A compreensão racional dessa experiência nos permite uma mudança “ontológica”, é dizer seguimos no momento seguinte de outra forma. A experiência que fazemos com o Ressuscitado, nos leva a agir de outra forma, a nos compreender e compreender o mundo a partir de outro paradigma, porque passamos a viver a partir da relação mestre-discípulo e por isso mesmo nossa ação passa a ser um TESTEMUNHO. Agora, atenção: todo testemunho prevê uma ação, mas nem toda ação é testemunho, as vezes é até um contratestemunho grande.

Nesse sentido, o próprio do Cristianismo, não é falar de Deus, de Jesus, ou falar do amor de Deus, tão esvaziado hoje em dia, MAS é fazer coincidir o AMOR DE DEUS E O AMOR HUMANO, é gerar encontros de experiência entre Deus e homens e mulheres em todos os tempos da história, e a partir daí GERAR UMA HUMANIDADE NOVA. No dizer Paulino “*Homens novos*”. O próprio da Missão daquilo que nos comunicamos a partir do estabelecimento da relação mestre-discípulo, é gerar homens/mulheres novas, uma nova humanidade que toma a vida em suas mãos a partir dessa nova experiência.

Se o que anunciamos, é uma experiência transformadora, em última instância nós anunciamos a ESPERANÇA de gerarmos “Homens Novos”, é dizer pessoa que conhecendo a Pessoa de Jesus, entra nessa dinâmica, e que transformando a si mesmos, transformem aos contextos onde se encontram. A isso denominamos: SALVAÇÃO. Que acontece desde o processo da história onde estamos. Comblin dirá (1968): salvo está aquele que em seu processo histórico, adere a pessoa de Jesus, e desde o “já” da história faz a experiência antecipada, aquilo que o “Ainda já” nos proporcionará. Em última instância, mais do que falar de Jesus, o que anunciamos/comunicamos, a partir de nossa experiência, é o fato de que os demais podem também realizar essa experiência de Salvação.

Nosso anúncio deve ter efeito de “fazer” o que Jesus fazia: Jesus faz “homens novos” – lhes dá (prioritariamente aos pobres) uma nova consciência – nova identidade – nova dignidade. A partir de Jesus os pobres EMERGEM na história de outra forma = LIVRES e chamados a conquistar a própria liberdade. Em última instância, Jesus lhes dá um novo “SENTIDO” de vida. Da mesma forma, que cada um ganha um novo sentido a partir da experiência mestre-discípulo.

Quinto

Então, podemos nos perguntar: como comunicar, o nosso SENTIDO DE VIDA, adquirido a partir de nossa experiência de mestre-discípulos de Jesus nos dias atuais? Como comunicar ao mundo nosso “sentido” que advém da experiência da relação mestre-discípulo? Como comunicar, a partir da perspectiva do “*humanismo Evangélico ou de um Evangelho humanizado*” e não somente pensando na ressacralização e restauração do cristianismo no mundo?

Ora, o Evangelho proposto em chave de ressacralização, restauração, clericalizado, como alguns desejam hoje em dia, leva quando muito, a uma “visibilidade”

de uma Igreja que se torna (e se torna cada vez mais, segundo nossa opinião) sectária, que sai mais e mais do mundo secularizado onde será seguramente um “cristianismo minoritário” e não de uma “Igreja minoritária”.

É importante perceber que o Cristianismo, transbordou e ultrapassou a Igreja mesma e não é mais somente visibilidade. Ele não é em definitivo a Igreja Católica em si mesma. O cristianismo é constituído por um patrimônio de valores (MOINGT, 2012, p.93) que transbordou para a sociedade, que os secularizou, a fim de se libertar do peso da autoridade religiosa que pressupunha a direção pública e privada das vidas das pessoas. Hoje o que há de secularizado são ideias que não são próprias à fé cristã enquanto tais, mas são, contudo, valores cristãos advindos do cristianismo.

Logo, é através desses valores que nós podemos restabelecer a comunicação com o mundo. Nossa comunicação, que nasce da experiência da relação mestre-discípulo, deve buscar convergência de sentido e realizar encontros entre os valores cristãos e os valores cristãos secularizados. Por esse caminho, nosso sentido fará sentido ao sentido dos outros!

A questão é então como apresentar/comunicar nosso anúncio pela “palavra responsável”. Podemos oferecer a “salvação como fórmula/doutrina”, ou pelo “acesso ao sentido” que o Evangelho dá à vida humana. Se for a primeira opção, salvação como “fórmula-doutrina”, se dirá: o acesso à salvação eterna vem diretamente da revelação, cujo depósito é confiado a Igreja. E nesse sentido podemos nos perguntar: quem domina o direito à salvação? Contudo, para chegarmos à segunda opção, a do sentido, é necessário antes compreender a relação entre salvação e sentido e o sentido daqueles/as com quem nos queremos comunicar.

E bom ressaltar que falar em termos de “sentido” NÃO, substitui o discurso de salvação. Não se trata de substituir um pelo outro, mas se trata de que a perspectiva do sentido tome lugar prioritário no discurso, o que ajudaria em muito a compreensão da salvação. De outra forma: apresentar o discurso da salvação em termos de sentido.

Conclusão

Finalmente, a “formação do discípulo-missionário na comunicação” implica em que se perceba ANTES DE TUDO:

1) O que comunicamos: comunicamos, o sentido que se origina da experiência, concretizada na relação mestre-discípulo, que precisa ser continuamente aprofundada/estudada/refletida e por isso a formação é essencial e exigente.

2) Para quem comunicamos: a partir da percepção de quem somos hoje em tanto que Igreja e, a Igreja de Francisco que insiste primeiramente na comunicação de um cristianismo de sentido, e não cristianismo de salvação, fórmulas, doutrinas.

3) Para finalmente pensarmos nos instrumentos (meios, mediações, formas) a ser utilizados quando de sua comunicação.

(***)

Principais referências Bibliográficas:

BRIGHENTI, A e PASSOS, J.D. Compêndio das conferências dos bispos da América latina e Caribe, São Paulo, Paulus, 2020.

COMBLIN, J. *História e Salvação*, In: COMBLIN José, Sinais dos tempos e a Evangelização, São Paulo, Editora Duas Cidades, 1968, p.176-196.

FRANCISCO, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, 2013. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html

MOINGT, J. *L'Évangile sauvera l'Église*. Paris, Salvator, 2011.

RICOEUR, P. *Soi-même comme l'autre*. Paris, Ed du Seuil. 2012.

SOUZA, A. *Formação de 'missionários profetas': a centralidade das narrativas no método de formação das EFM do Ne do Brasil*. TEOLITERÁRIA: REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURAS E TEOLOGIAS, v. 8, p. 65-91, 2018.

(***)